

Resumo

No presente artigo será considerada a problemática dos ciclos de crescimento a partir da abordagem estruturalista latino-americana. Na primeira seção tem-se em perspectiva os nexos macrodinâmicos que permitem colocar em evidência os ciclos de crescimento e a estagnação latino-americana. A segunda seção é consagrada aos ciclos de crescimento e sua endogeneização incompleta, seja pelos modelos estruturalistas, seja pelos modelos neo-estruturalistas. Em seguida, na terceira seção, com o modelo de Furtado ensaia-se uma primeira aproximação ao *ciclo limite* específico proveniente da tendência à estagnação latino-americana. Este último não sendo propriamente um ciclo de equilíbrio na vizinhança do estado estacionário, não resulta, portanto, de trajetórias ótimas de acumulação. É dessa forma que a reprodução do subdesenvolvimento não elimina a condição de dependência e de heterogeneidade estrutural das economias semi-industrializadas sob o diapasão assíncrono da acumulação financeirizada.

Os ciclos de crescimento são geralmente percebidos como uma ensablatura de ciclos, nos quais cada um deles compreende fases sucessivas de recuperação, expansão e, em seguida, de reversão em direção ao arrefecimento da atividade econômica, o que dá lugar a um novo processo cíclico. Neles, a presença de oscilações persistentes é uma característica fundamental. Outro aspecto basilar dos ciclos de crescimento, do ponto de vista empírico, é a flutuação recursiva do nível da atividade econômica ou de suas taxas de crescimento. A literatura econômica dedica a esse gênero de ciclo uma tipologia especial – eles são os ciclos juglarianos – cuja periodicidade média compreende entre seis e onze anos aproximadamente. Todavia, o ciclo de crescimento goodwiniano, aquele que desperta interesse no quadro analítico deste trabalho, não pode ser reduzido nos termos de uma duração precisa no âmbito de referências estritamente empíricas.

Em geral, a convenção relativa à duração dos ciclos possui um caráter bastante intrincado e as soluções « históricas » encontradas pelos econometristas para acomodar esse problema foi a de encontrar componentes senoideais nas séries temporais econômicas, revelaram-se insatisfatórias. É desse modo que a espectral típica de uma série temporal é obtida pela introdução de uma tendência exponencial aos movimentos cíclicos previamente identificados nas séries. Além disso, os nexos de causalidade entre as variáveis necessitam de uma delimitação precisa quanto ao que é tendencial e o que é cíclico. Em verdade, semelhante tratamento é útil para os procedimentos que buscam compreender os ciclos pela existência de flutuações em torno de um estado estacionário de pleno emprego, como o caso dos ciclos econômicos reais. Ao contrário, não é certo que esse *approach* seja capaz de explicar os ciclos de uma sociedade conduzida a uma condição estagnante no entorno de flutuações do nível de emprego. A situação se torna ainda mais grave à medida que se considera que o emprego é transformado ele próprio uma zona instável em meio a um desemprego de massas crescentemente marginalizadas.

As flutuações da heterogeneidade estrutural das economias latino-americanas sustentam a imperativa necessidade de enfatizar os ciclos como entidades empíricas arraigadas na estrutura real dessas sociedades. Os trabalhos pioneiros dos estruturalistas latino-americanos põem acento heurístico sobre tal questão, através da coexistência multisetorial de estruturas que introduzem diferenças qualitativas de transferências de excedentes e nas condições de apropriação de rendas que se modificam no tempo, numa ordem cíclica de generalidade ou

semelhança. Assim, não se pode supor que essas economias possam ser aproximadas aos modelos macro-econômicos usuais, sob a hipótese de um 'único bem' e da exogeneidade dos salários nominais e dos investimentos de capital. Em primeiro lugar, a inserção internacional das economias latino-americanas por ocasião da abertura econômica dos anos 1990 foi acompanhada por uma redução drástica do nível de emprego ao mesmo tempo em que de uma elevação da produtividade. Em segundo lugar, o crescimento da produtividade foi, sobretudo, uma consequência dos setores que subsistiram à competição acirrada da economia.

Em linhas gerais, no presente texto argumentou-se sobre a importância da retomada de uma agenda de pesquisa para o restabelecimento de uma análise macrodinâmica de cunho estruturalista latino-americano. Num primeiro interlúdio, considera-se uma macrodinâmica da estagnação na linhagem estruturalista seguindo algumas pistas indicadas pelos trabalhos de Pinto e Furtado. Observa-se que essas contribuições, principalmente seus insights metodológicos, foram reapropriadas num outro contexto, depurado de sua matriz original, sendo assimiladas de modo parcial pela macro-econometria. Num segundo momento, considera-se a problemática suscitada pela heterogeneidade estrutural e de sua transformação, utilizando-se dados da economia brasileira para dar base empírica a este processo, concluindo-se que flutuações cíclicas da estrutura são confirmadoras da hipótese que serve de ponto de partida. Finalmente, a terceira seção examina as condições em que uma dinâmica cíclica endógena revela-se incapaz de articular a sincronização dos ciclos irregulares através de aspectos puramente monetário-financeiros. A financeirização dos ciclos de crescimento inclui as mudanças no próprio ciclo do capital, dando lugar às expansões, ao mesmo tempo em que essas forças, levadas à situações extremas dão lugar às crises, quando o impulso financeiro do ciclo aproxima a economia de sua zona de instabilidade estrutural.